



Escolas exemplares a partir de uma dupla incomum

O Melhor Sistema

Jim Roy

O desafio

“**N**ão sei por que temos de procurar autores seculares quando temos a lista de Livros Aceitos.” Estas palavras — em parte declaração, em parte pergunta, e em parte acusação — pairaram no ar da sala de reuniões antes de me atingir com um forte golpe. As pessoas vieram à escola naquela noite para um *workshop* que vários professores organizaram, chamado “Aprendizado Cooperativo Para Pais”. Durante meus comentários conclusivos, mencionei as idéias de William Glasser e sua Escola de Qualidade.¹ Foi então que o pai citado acima frisou sua preocupação com autores seculares. Procurei descrever como eu e os demais professores desejávamos seguir a lista de livros aceitos, mas por muito tempo permaneci insatisfeito com minha resposta. A declaração parecia merecer uma explicação detalhada e bem-informada, e eu não tinha essa resposta.

Nosso chamado

Como adventistas, acreditamos que Deus nos chamou para sermos uma luz no mundo, refletindo Seu modo de pensar e de se comportar. Deus prometeu a Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da Terra”. (Gênesis 12:3; 22:18, ARA.)² É desejo dos adventistas que esta promessa se cumpra através de nossos ministérios também. Grande parte deste ministério é realizada através de nossas escolas. Apesar de ao compararmos com as demais religiões do mundo a Igreja Adventista seja pequena, ela mantém um sistema de educação impressionante. E apesar de os motivos para apoiar nossas escolas sejam diversos, faremos bem em reivindicar o cumprimento da promessa de Deus a Abraão.

Fábricas e escolas

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi organizada no início da década de 1860, por volta da mesma época em que um sistema formal de educação começou a se desenvolver nos Estados Unidos. Graças aos nossos pioneiros, eles reconheceram a necessidade e oportunidade de educar e instruir as crianças da igreja. Entretanto, nos primeiros anos, eles lutaram contra hábitos culturais arraigados e forças sociais do fim do século 19 e início do século 20. Tão importante era o sistema educacional da igreja, no entanto, que Ellen White, uma das fundadoras da denominação e mensageira especial de Deus, escreveu extensivamente sobre a obra de educação.

O período entre 1890 e 1910 foi incrível na história da educação em geral. A Era Industrial estava causando forte impacto no projeto da educação. As escolas começaram a adotar o modelo de linha de montagem, raciocinando que se funcionava nas fábricas, devia ter êxito na educação também. Um poucas vozes censuraram este método, reivindicando um ambiente de aprendizado mais humano. Uma destas vozes foi a de John Dewey (1859-1952), outra a de Ellen White (1827-1915).

Motivação externa — senso comum?

Além dos efeitos malévolos do método das fábricas, a educação foi mais rebaixada ainda pela aplicação de uma perspectiva de “senso comum” de motivação humana. Dewey compreendeu essa luta ao escrever que “a história da teoria educacional está caracterizada pelo contraste entre a idéia de que a educação é um desenvolvimento a partir do interior e que ela é uma formação a partir do exterior; de que ela está fundamentada em dotes naturais e que é um processo de vencer inclinações naturais, substituindo-as por hábitos adquiridos sob pressão externa.”³ Em uma sentença, Dewey descreveu a pergunta mais importante que os educadores têm de responder: *Os alunos são motivados a partir do interior, ou é preciso aplicar pressão externa para conseguir que se desempenhem bem na escola?*

É difícil exagerar ao enfatizar a importância da resposta a essa pergunta e aos efeitos de nossas estratégias no lar e na sala de aula. Através da história, o ser humano tem adotado uma psicologia de comportamento conhecida como controle externo, ou em termos mais profissionais, reação ao estímulo. A psicologia de controle externo fundamenta-se na crença de que as pessoas podem manipular o comportamento de outros seres humanos, individual ou coletivamente. O estímulo adequado resultará na reação desejada. Esta crença leva pessoas a recompensarem ou punirem outras quando estas não se comportam como se deseja. Esse tipo de manipulação de comportamento ocorre regularmente tanto nos lares como nos locais de trabalho. Infelizmente, a administração baseada em controle externo é comum nas salas de aula também.

Eu acredito que as práticas administrativas baseadas em controle externo, tanto no lar, como na sala de aula, nas empresas ou no ambiente político são extremamente destrutivas. As estratégias que depen-

Em uma sentença, Dewey descreveu

a pergunta mais importante que os

educadores têm de responder: Os

alunos são motivados a partir do

interior, ou é preciso aplicar pressão

externa para conseguir que se

desempenhem bem na escola?

dem de pressão externa — que varia entre manipulação sutil e força física — podem parecer funcionar durante um curto período de tempo, mas os resultados não são permanentes e, no fim, tornam as coisas piores do que antes. No ambiente da sala de aula, a coerção pode funcionar, com alguns alunos durante alguma parte do tempo. No entanto, mesmo quando parece funcionar, os aspectos negativos superam os positivos. Uma consequência negativa de controle externo é a deterioração dos relacionamentos que ocorre toda vez que alguém tenta forçar ou manipular outra pessoa. Outro aspecto negativo muito importante é que os alunos deixam de aprender o autocontrole, se outros sempre definem o comportamento apropriado para eles.

Essas são apenas umas poucas das muitas preocupações de John Dewey, Ellen White e William Glasser. De acordo com a perspectiva deles, a educação deve fundamentar-se em um método diferente, um que realmente envolva os alunos em seu próprio aprendizado. Em vez de procurar desenvolver melhores esquemas de controle externo, eles recomendam uma abordagem educacional baseada no controle interior.

Glasser e o controle interior

Durante os últimos 50 anos, William Glasser tem salientado a necessidade de administrar as salas de aula com base no controle interior ou na Teoria de Escolha, os quais defendem que as pessoas fazem escolhas por razões que são importantes para elas. O toque de um telefone não nos força a atendê-lo. Ele simplesmente nos deixa saber que alguém em algum lugar

As estratégias que dependem de pressão externa — que varia entre manipulação sutil e força física — podem parecer funcionar durante um curto período de tempo, mas os resultados não são permanentes e, no fim, tornam as coisas piores do que antes.

deseja nos contatar. Algumas pessoas se apressam a atender o telefone quando ele toca, outras primeiramente identificam a chamada e decidem se devem atender ou não. De acordo com a Teoria de Escolha, a motivação vem do interior. Podemos nos permitir ser manipulados se desejamos a recompensa ou tememos o castigo, mas esta é uma escolha que fazemos. E se a recompensa ou o castigo não nos importa, nenhuma quantidade de manipulação funcionará.

Sendo que os seres humanos são motivados interiormente, Glasser explica que podemos — e, na verdade, devemos — dirigir escolas usando estratégias diferentes das do passado. Com essa finalidade, ele escreveu cinco livros sobre educação, começando com sua obra mais notável, *Schools Without Failure* (1969), e continuando com *Control Theory in the Classroom* (1986 e 2001), *The Quality*

School (1990), *The Quality School Teacher* (1993), e *Every Student Can Succeed* (2000).⁴

Vários meses depois de ter recebido e respondido a pergunta acerca de Livros Aceitos versus livros seculares, comecei a fazer um estudo comparando as idéias de Ellen G. White com as de William Glasser. Embora estejam separadas por quase 100 anos e tenham sua origem em experiências muito diferentes, descobri que suas opiniões sobre educação são surpreendentemente semelhantes. (Uma resenha mais completa dessas semelhanças está disponível em um livro que escrevi, intitulado *Soul Shapers: A Better Plan for Parents and Educators*.⁵) O restante deste artigo descreverá algumas dessas semelhanças.

O melhor sistema

Ao descrever professores que depen-



dem de controle externo, Glasser escreve: “Os administradores-chefes acreditam firmemente que as pessoas podem ser motivadas a partir do exterior; deixam de compreender que toda a nossa motivação vem do nosso próprio interior.”¹⁶ Alguns cristãos têm expressado preocupação com esta ênfase, que valoriza a força e critério humanos, até mesmo condenando-a como filosofia da Nova Era. Imagine minha surpresa ao encontrar uma afirmação semelhante nos escritos de Ellen White:

“Os que ensinam os alunos a sentir que neles está o poder para se tornarem homens e mulheres honrados e úteis, serão os que têm êxito mais permanente. Talvez sua obra não se mostre ao descuidoso observador sob o aspecto mais vantajoso, nem seja tão altamente apreciada como a do mestre que mantém absoluto controle, mas a vida futura dos alunos manifestará os resultados do melhor sistema de educação.”¹⁷

Pertencendo a uma segunda geração de adventistas que freqüentou escolas da igreja ou nelas lecionou a vida inteira, já ouvi mais de uma vez a expressão “projeto para educação”. No entanto, jamais vi esse projeto. O mais próximo que já encontrei dessa expressão foi “o melhor sistema”, que se refere a professores que reconhecem o valor do controle interior de preferência à força externa ou coerção. Glasser acredita que ao serem criadas salas de aula que funcionem com base na perspectiva de controle interior haverá maior probabilidade de promover a obra de uma escola de qualidade. Ellen White leva essa idéia mais adiante ainda através do uso de expressões como “êxito mais permanente” e “vida futura” para nos lembrar que nossas estratégias de ensino têm implicações eternas.

Glasser observou que com freqüência as escolas usam o controle externo quando os alunos não fazem o que deveriam fazer. Acusar, ameaçar, castigar e recompensar são estratégias de ensino amplamente usadas. Mas será que essas táticas resolvem o problema? Glasser salienta: “Podemos forçar os alunos a permanecerem na escola. Podemos até forçá-los a fazer os deveres escolares, mas raramente seremos bem-sucedidos.”¹⁸ Nesse tipo de atmosfera, professores e alunos se tornam adversários, cada um deles concentrando-se em como ganhar vantagem. E porque a motivação humana vem do interior, Glasser acentua que “não podemos forçar nenhum aluno a trabalhar se ele não acreditar que o trabalho satisfaz.”¹⁹

Ellen White também realçou esse ponto

ao escrever: “A verdadeira educação não consiste em forçar a instrução a um espírito não preparado e indócil. As faculdades mentais deverão ser despertadas e o interesse suscitado.”¹⁰ Como educadores é nosso desafio planejar oportunidades de aprendizado que despertem o interesse de nossos alunos. Alfie Kohn abordou essa questão sob um outro ângulo ao escrever: “Quando os alunos ‘se distraem da tarefa’, nossa reação deve ser perguntar-lhes ‘qual é a tarefa?’”¹¹ Precisamos perguntar a nós mesmos se as tarefas são parte do problema e, se assim for, agir no sentido de modificá-las. Geralmente, quando os alunos não fazem o que queremos que façam, começamos a pensar em como obrigá-los a executar aquilo, e isso diz mais a respeito de nossa personalidade do que de boas técnicas de ensino.¹²

Ellen White advertiu os professores adventistas a se afastarem do uso da força por causa de seus efeitos sobre as crianças. Tanto Glasser como Ellen White salientam que sempre que a força é usada, desperta um espírito de resistência naquele que sofre o efeito da mesma. Ellen White, porém, condena mais firmemente a coerção por causa das implicações eternas.

“Os pais e professores que se gabam de ter completo domínio sobre a mente e a vontade das crianças sob seu cuidado, deixariam de gabar-se, caso pudessem acompanhar a vida futura das crianças que são assim postas em sujeição pela força ou o temor.”¹³

Precisamos ensinar nossos alunos a estar cientes de sua própria bússola interior, movida e influenciada pelo Espírito Santo, em vez de tentar ser uma bússola para eles, por meio da força e do temor. Glasser identifica professores que se comportam dessa maneira como administradores-guias, contrastando-os com os administradores-chefes, pois eles guiam [os alunos] por meio de inspiração e convite, em vez de ameaças e castigos. Ellen White captou a essência do administrador-guia quando escreveu: “Nunca se deve esquecer que o professor tem de *ser* o que deseja que seus alunos se tornem.”¹⁴ A instrução sobre a bússola interior começa com o professor.

Certo professor que estava procurando se tornar um administrador-guia me contou que quando leu no livro *Soul Shapers* que precisamos ser aquilo que desejamos que nossos alunos se tornem, foi realmente atingido como que por um golpe. Admitiu que muito de seu tempo e de suas energias foram dedicados a mudar o

comportamento de seus alunos. De repente, percebeu que precisava concentrar-se em permitir que o Espírito Santo fizesse mudanças nele. Viu que à medida que compreendia e seguia sua bússola interior, ele, por sua vez, passou a dar exemplo aos alunos de uma vida controlada pelo interior.

Glasser tem estado à frente de um crescente grupo de trabalho que reconhece o poder das pessoas para tomarem decisões e assumirem responsabilidade pelas próprias escolhas. Ao invés de os seres humanos serem vítimas das circunstâncias ou de uma química intelectual desfavorável, Glasser escreve que “para todos os efeitos, nós escolhemos tudo o que fazemos, incluindo a miséria que sentimos. Outras pessoas não podem nos tornar miseráveis, nem nos fazer felizes”¹⁵, e acrescentou que “nós escolhemos todas as nossas ações e pensamentos e, indiretamente, quase todos os nossos sentimentos e muito de nossa fisiologia.”¹⁶ Isso bate de frente com a prática psiquiátrica, que classifica o comportamento não muito saudável como doença mental e prescreve drogas como a solução.

Ellen White enfatizou o mesmo poder da mente que Glasser descreve, embora muito antes de ele nascer, ao escrever: “Está dentro das possibilidades de qualquer, escolher os tópicos que ocuparão os pensamentos e moldarão o caráter.”¹⁷ Aplicando este princípio à educação de crianças, ela escreveu: “Toda criança deve compreender a verdadeira força da vontade.... A vontade é a força dirigente na natureza do homem, a força para a decisão, ou escolha.”¹⁸ Ellen White e Glasser descrevem nitidamente o poder de escolha que cada ser humano possui, no entanto, com freqüência, interpretamos mal as implicações dessas declarações.

Reação ao estímulo de escolha?

Dewey descreveu a base para essa má interpretação como o dilema quanto ao aprendizado originar-se no interior ou ser manipulado sob pressão externa. Um líder no campo de Comportamento Humano, B. E. Skinner, propôs que o comportamento humano pode ser moldado quando são controlados vários aspectos do ambiente.¹⁹ Certos comportamentos desejáveis podem ser reforçados e comportamentos indesejáveis eliminados, tudo mediante manipulação externa. Muitos pais e educadores percebem o perigo dessa crença. Se o comportamento humano é moldado inteiramente pelo ambiente, então onde está o poder da vontade? Os professores



podem não se considerar especialistas em comportamento, contudo seus esforços para manipular o comportamento de seus alunos por meio de recompensas ou castigos comprova o contrário. O princípio da reação ao estímulo está vivo e viçoso em muitas salas de aula adventistas.

Glasser chama atenção para o fato de que “professores e alunos estão sendo controlados da mesma forma que sempre foram, do mesmo modo que as pessoas têm sido controladas durante séculos, por um método baseado em uma antiga teoria de senso-comum sobre como funcionamos, a qual é melhor definida como reação ao estímulo... a teoria da reação ao estímulo é errada. Quando utilizada para administrar pessoas, ela leva ao método

tradicional que chamarei de administrador-chefe. O administrador-chefe é ineficiente porque depende da coerção e sempre resulta em tornar trabalhadores e administradores verdadeiros adversários.”²⁰

Ineficaz e de pouca duração

Glasser concluiu que a teoria da reação ao estímulo não somente era uma abordagem ineficaz para a motivação humana, mas além disso estava baseada em ciência inválida. Estímulos externos, não importa quão fortes, não poderão levar pessoas a fazerem aquilo que não querem. Um revólver pode parecer um motivador externo eficaz, contudo a história está repleta de exemplos de pessoas que depuseram a

própria vida por uma causa em que acreditavam. Os três jovens hebreus (Daniel 3) recusaram ser influenciados pela ameaça da fornalha ardente, e Daniel demonstrou a mesma determinação quando ameaçado com a cova dos leões (Daniel 6). Mesmo quando a manipulação parece funcionar, e os alunos fazem o que queremos por causa das ameaças, o resultado é de pouca duração, e eles finalmente acabarão guardando ressentimento contra a manipulação e o manipulador.

Bem cedo, certa manhã, cinco meses após o incidente dos Livros Aceitos versus autores seculares, eu estava lendo um dos Livros Aceitos e deparei com a citação abaixo. É um poderoso comentário sobre reação ao estímulo e estratégias

Durante os últimos 50 anos, William Glasser tem salientado a necessidade de administrar as salas de aula com base no controle interior ou na Teoria de Escolha, os quais defendem que as pessoas fazem escolhas por razões que são importantes para elas.

que parecem considerar os alunos como animais a serem adestrados. Foi, de fato, a citação que me levou a escrever o livro *Soul Shapers*.

“Deve o ensino das crianças ser dirigido num princípio diferente do que governa o ensino de animais irracionais. Os animais devem ser acostumados a submeter-se a seu dono, mas a criança deve ser ensinada a dominar-se. A vontade precisa ser ensinada a obedecer aos ditames da razão e da consciência. Pode a criança ser tão disciplinada que, como o animal, não tenha vontade própria, perdendo-se a sua individualidade na do mestre. Tal ensino é insensato, e desastrosos os seus efeitos.”²¹

Liberdade de escolha

Práticas coercivas funcionam, com alguns alunos, por algum tempo, mas a que custo? Glasser e Ellen White apresentaram uma alternativa baseada no con-

trole interno. Ellen White elogiou alunos que eram “fortes para pensar e agir” e que eram “senhores e não escravos das circunstâncias”.²² O estudo do comportamento humano quer fazer-nos crer que somos todos vítimas das circunstâncias e que podemos apenas reagir a estímulos que vão além do nosso controle. Nada alega mais Satanás do que adotarmos um sistema de controle externo. Jesus morreu para preservar nossa liberdade de escolha. Em Isaías 42, 49 e 61 foi profetizado que o Messias libertaria os cativos. A morte de Cristo garantiu que Satanás não teria injusta vantagem sobre nós. Somos livres para escolher nosso destino.

É dentro deste maravilhoso contexto que os professores adventistas atuam diariamente. Aos poucos, os alunos se tornam melhor de forças externas — um papel muitas vezes assumido por pais e educadores com boas intenções — ou se tornam cientes do poder que há em seu interior provido pelo extraordinário Pai celestial, o qual os capacita para se tornarem senhores e não escravos das circunstâncias.

Jim Roy é diretor da área de Educação no Pacific Union College em Angwin, Califórnia, EUA. Completou recentemente seu doutorado, o qual se concentrava no desenvolvimento das idéias de William Glasser. É autor do livro *Soul Shapers* (publicado pela *Review and Herald* em 2005), um livro que compara as idéias de Glasser às de Ellen White. Pode ser contactado por e-mail: thebetterplan@sbcglobal.net ou jroy@puc.edu.



REFERÊNCIAS

1. William Glasser, *The Quality School: Managing Students Without Coercion* (New York: HarperCollins, 1990).

2. Texto creditado à versão *Almeida Revista e Atualizada no Brasil*.
3. John Dewey, *Experience and Education* (New York: Kappa Delta Pi, 1938), pág. 17.
4. *Schools Without Failure* (New York: HarperCollins, 1969); *Control Theory in the Classroom* (New York: HarperCollins, 1986); *The Quality School: Managing Students Without Coercion* (New York: HarperCollins, 1990); *The Quality School Teacher: A Companion Volume to the Quality School: Specific Suggestions for Teachers Who Are Trying to Implement the Lead-Management Ideas of the Quality School in Their Classrooms* (New York: HarperCollins, 1993); *Every Student Can Succeed* (Chatsworth, Calif.: Glasser Institute, 2000).
5. (Review and Herald Publishing Association, 2005).
6. Glasser, *The Quality School*, pág. 59.
7. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 58.
8. Glasser, *The Quality School*, pág. 68.
9. _____, *Control Theory in the Classroom*, pág. 11.
10. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 41.
11. Alfie Kohn, *Beyond Discipline: From Compliance to Community* (Alexandria, Va.: Association for Supervision and Curriculum Development, 1996), pág. 19.
12. Artigo de Karen Nicola, *Journal of Adventist Education*, Fevereiro-Março 2007 (edição DNA), pág. 27.
13. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 17.
14. *Ibidem*, pág. 58. Grifo acrescentado.
15. Glasser, *Choice Theory, A New Psychology of Personal Freedom* (New York: HarperCollins, 1998), pág. 3.
16. *Ibidem*, pág. 4.
17. White, *Educação*, pág. 127.
18. *Ibidem*, pág. 289.
19. B. F. Skinner, *Beyond Freedom and Dignity* (New York: Knopf Publ., 1971).
20. Glasser, *The Quality School*, pág. 12.
21. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 57.
22. _____, *Educação*, pág. 18.